

MUNDARÉU

MUNDARÉU - UM PODCAST DE ANTROPOLOGIA
Uma parceria entre o LABJOR/Unicamp e o DAN/UnB

MUNDO NA SALA DE AULA

Terceira Temporada

Episódio 20: Cotas raciais - Pra onde foi o racismo?

Transcrição do episódio: Amanda Oliveira, Cindy Lauren e Fred Almeida

Revisão da transcrição: Soraya Fleischer (UnB)

Legenda:

Blocos

Sonoplastia

Música de abertura: “Ode ao Bozo”, Gatunas. (0:00 até 0:30)

ABERTURA

Todos: Olá, nós somos Cindy Lauren, Amanda Oliveira e Fred Almeida. Somos estudantes de Ciências Sociais na Universidade de Brasília e vamos apresentar esse episódio da terceira temporada do MUNSA, o Mundo na Sala de Aula. Vem com a gente transformar a universidade!

[Transição musical]

Amanda: Manifesto - Gostaríamos de dedicar esse episódio a todes universitáries pretes, de África e da diáspora, que têm a coragem de ocupar os espaços acadêmicos e levar nossas histórias adiante. Esse podcast se destina a protagonistas e apoiadores da luta antirracista. Às nossas intelectuais negras e negros que foram incansáveis em ampliar as oportunidades e construir pontes epistemológicas para que hoje nosso debate se fizesse possível.

Fred: Não amiga, mas tu tá sabendo que esse ano vai ter a revisão da lei de cotas?

Cindy: Pois é, Fred. Por isso falar sobre a lei de cotas é tão importante.

Amanda: Sim, gente. A UnB e a Unicamp tiveram processos muito diversos em relação a essa lei. Uma foi a pioneira em implementar a lei de cotas, que foi a UnB, em 2004. E a Unicamp implementou a lei em 2012, né.

Cindy: Então gente, nós conversamos com o Guilherme Renan da Unicamp e o Erin Fernandes da UnB em junho deste ano, por meio de uma reunião no Meet, para que a gente pudesse discutir um pouco sobre esse tema.

Guilherme: Olá, bom dia pessoal. É, me chamo Guilherme Renan. Sou estudante de ciências sociais na Unicamp.

Erin: Oi gente. Eu sou o Erin, eu tenho 24 anos e sou estudante da graduação em antropologia na UnB.

[Transição musical]

BLOCO 1: Revelando o racismo

Fred: Tô lembrando aqui, Gui, que você falou pra gente do processo de reivindicação por atualizações de ementas aí na Unicamp. Por que será que agora a Unicamp está falando sobre isso e como é que tá sendo esse processo? E tipo, de onde que ele vem? Como ele surge? Conta mais.

Guilherme: Eu acho que há uma intensificação de reivindicar uma atualização das bibliografias e das ementas, né. É um processo que já vinha acontecendo, é um processo que já vem acontecendo justamente pela Unicamp ser a penúltima do Estado de São Paulo a ter as cotas raciais implementadas né, e o vestibular indígena. Essa reivindicação de cotas e atualização das ementas de disciplinas, em especial no campo das humanidades já é uma pauta de reivindicação do movimento negro brasileiro desde o MNU

Fred: Só pra lembrar o MNU é o Movimento Negro Unificado, fundado em 1978.

Guilherme: que já vinha num processo de reivindicação de novos espaços e de atualização de uma episteme, né. Tanto é que a tese de doutorado da Sueli Carneiro falando sobre epistemicídio é de 2005.

Fred: Epa, epa, epa, epa. Mas o que que é epistemicídio?

Amanda: Epistemicídio é barrar e/ou negar a popularização de outras formas de conhecimento e levar em consideração apenas um único modelo epistemológico.

Cindy: Essa visão depois ela é atualizada pela Sueli Carneiro na sua tese de doutorado, em que ela vai falar sobre o racismo epistêmico e como ele tem sido um instrumento pressional que tem contribuído bastante para a consolidação das hierarquias raciais que são produzidas pelo próprio epistemicídio. Logo, é no campo da educação que o racismo epistêmico encontra também um grande espaço para a reprodução dos dispositivos de dominação e hierarquia racial.

[Transição musical]

Cindy: Aqui, o Guilherme e o Erin continuam falando para gente das experiências na Unicamp e na UnB.

Guilherme: Democratizou a universidade no sentido ao acesso, mas aí, a pergunta que se fica agora é: para onde foi o racismo? Pra que a gente possa entender, porque o racismo ainda não acabou, o racismo ainda não acabou. E a universidade ainda é uma instituição de poder, e ainda está relacionada à maneira como reproduz algumas violências. Então, a gente não pode falar assim “ah, conseguimos as cotas, acabou tudo”, né, “conseguimos fazer, parabéns todo mundo”. Não, a pergunta agora é pra onde foi? Pra onde foi essa, essa maneira de impedir o sucesso de pessoas negras na sua caminhada universitária.

Erin: Mas porque é isso, né. Não é porque as cotas existem que as questões raciais na universidade desaparecem, muito pelo contrário. **As cotas servem pra trazê-las à tona.**

[Transição musical]

BLOCO 2: Fraudes e colorismo

Cindy: Pois é, Erin. E você acompanhou muito esse processo, né. Até porque você participou do AJA no ano de 2017. E, pra quem não sabe, o AJA é o Ação e Justiça Antirracista, que é um coletivo de estudantes negros do curso de ciências sociais aqui na UnB. Você pode falar pra gente um pouquinho sobre como foi sua experiência no coletivo, como ele foi construído?

Erin: Pois é, desde que eu entrei na universidade, na verdade, já havia uma mobilização em torno da questão racial muito forte. Aqui tem o Centro de Convivência Negra, né, e ele é fruto de uma ocupação que tinha acabado de acontecer quando eu entrei e aí quando eu entrei teve mais outras ocupações de estudantes negros também. E, posteriormente, nós do AJA também fizemos ocupação. A gente descobriu que realmente era um problema, que existiam muitas fraudes nas cotas, na universidade e muitas pessoas ficaram com medo. É, muitas pessoas também abriram mão da própria vaga, mas muitas resistiram, né. Falaram “não, eu tenho direito” e, utilizaram o discurso anti-cotas pra defender o direito delas entrarem por cotas, mesmo sendo brancas.

Cindy: Quando a gente entra no assunto de fraude, muitas questões estão em jogo. Como você vê isso?

Erin: Primeiro, que a gente precisa ser muito cauteloso quando a gente pensa sobre esse assunto, né. Infelizmente, a gente se deparou com muitas pessoas negras que foram denunciadas por fraudes, né, tipo pessoas negras de pele clara, pessoas indígenas que foram consideradas pessoas brancas ou não-negras ou não-racializadas e que acabaram sendo expostas e constrangidas nesse processo, sabe, por conta dessa questão do colorismo.

Fred: Colorismo? Vocês já ouviram falar sobre o colorismo? Bom... esse é um termo que está bem em alta ultimamente mas ele não é tão novo, pois já em 1982 a escritora Alicia Walker dos Estados Unidos o cunha em seu livro *“Se o Presente se parece com o passado como será o*

futuro?”(reverberação). Esse conceito serve para perceber a diferença das várias tonalidades da pele negra, dos tons mais escuros aos mais claros, que dentro da estrutura do racismo serão manejados como aspectos de exclusão ou de inclusão. Então sim, muitas pessoas negras de pele clara acabam se identificando como pardos. Isso não significa que essas pessoas não sofram racismo, mas sim de que o racismo vai se adaptar para lesar pessoas racializadas em seus diferentes corpos de diferentes maneiras. A confusão que se faz nas denúncias, como o Erin descreveu, é justamente devido a falta desse debate ser amplamente discutido. Vale lembrar também que quando se trata da questão indígena o pertencimento vai estar ligado a aspectos como o parentesco e não a cor ou aos fenótipos, afinal são mais de 300 povos indígenas no Brasil com uma gigantesca variedade etnicorracial.

Erin: Eh... Para além disso, é a gente também precisa ter cuidado com os discursos que a gente promove no sentido de que não é porque existem as fraudes que a política das cotas não funciona. (Amanda: Hm) Na UnB, na verdade, esse processo das fraudes começou a se ampliar com o fim da banca que na UnB essa banca acabou em 2014, depois de muita pressão, muita pressão inclusive no Congresso Nacional, no STF, de partidos de direita, de, da imprensa, né, dizendo que a UnB, por ter bancas, tava fazendo um tribunal racial, julgando quem é negro e quem não é, e não é assim que funciona, né. Existem pessoas que são especialistas, que estudam relações raciais pra comporem essas bancas, com o objetivo único e exclusivo de evitar as fraudes e, de fato, esse problema surgiu muito a partir de 2014. Mas pra além disso também né, a gente também não pode esquecer que o vestibular, de uma forma geral, não é uma forma justa de ingresso na universidade, né. A gente vê assim muitas vezes quando a gente defende a cotas que “Ai, isso soluciona o problema, a gente vai colocar aqui algumas pessoas pra entrarem que também vão precisar de nota, também vão precisar, né, atingir ali os requisitos que são necessários” e, um monte de outras pessoas vão ser excluídas. A maioria das pessoas que vão tentar vão ser excluídas, né. Não é porque tem cotas que a gente pode deixar de acreditar que tem outras formas melhores de ingresso né, mais universais, mais inclusivas. É, e enfim, essas são algumas questões que eu acho que são importantes da gente ter em mente.

Fred: Não, sim, Erin. Total. É muito isso, né. A política de cotas, ela é isso. É uma política pública, ela não soluciona tudo. Mas a gente tem que lutar pra que essa política seja cada vez melhor. E, as denúncias que vocês fizeram em 2017, elas reverberaram, é, e trouxeram à tona, né, muitos debates com relação à questão das cotas raciais. Mas como que foi pra vocês, né, tá lá na universidade, fazendo essas denúncias, colocando o dedo na ferida? Como que foi a reação dos colegas, dos pais dos alunos?

Erin: Os processos que a gente denunciou em 2017, eles só foram terminar de serem apurados em 2019, e, dois anos depois, e com muita briga interna, a gente foi constrangido de diversas formas. A gente soube também que teve várias dessas pessoas que foram denunciadas, que tentaram judicializar, é, teve coronel que ligou na reitoria ameaçando: “ai, porque meu filho, sei lá o que”. É, então isso foi empatando também, né. E tipo, eram cem denúncias, a gente tinha muito mais pra fazer, mas acabou que ficaram nessas cem por um problema burocrático, por uma falta de vontade da universidade também, em engajar com essa questão.

[Transição musical]

BLOCO 3: Crescendo e florescendo

Erin: Então, existem ainda muitos desafios, mas eu acho que é muito importante a gente ter em mente, no atual cenário, que as cotas, elas são muito eficazes e que elas já causaram uma transformação, nesse sentido, sabe gente. Você entra na universidade hoje, você tem a certeza de que vai ter pessoas negras lá, sabe, apesar de ainda ter vários problemas. Mas isso é um avanço significativo.

Cindy: Legal, Erin. É, e o Erin participou desse coletivo do AJA, mas o Guilherme também participou do Núcleo de Consciência Negra, que é um coletivo da Unicamp. Só que esse núcleo mudou recentemente, né. Ele cresceu? O que aconteceu, Gui?

Guilherme: De 2019 pra 2020, há um crescimento de 10 coletivos negros na universidade, né, que reivindicavam, inclusive, debates que o núcleo de consciência negra na época não conseguia lidar. Porque o núcleo antes das cotas ele era como aquele coletivo guarda-chuva, que por ter poucos negros na universidade, na instituição, todos iam para eles, pro núcleo, pra debater ali assuntos de ações de políticas afirmativas. Quando chega mais pessoas negras na universidade, é, chega também é, e aí abre um parênteses, o corpo de pessoas que construíram o núcleo de convivência negra era majoritariamente do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Ou seja, a gente diferente, por exemplo, de alunos de engenharia, medicina, biologia, nós temos um acesso né, maior, a intelectuais negros que estão discutindo isso. Por, é, por esse debate estar próximo das Ciências Humanas, né. Só que quando chega, tem as cotas, é, o NCN vai descobrindo que existem problemas piores. Piores não, mas outros problemas em outras áreas do saber que a gente não conseguia fazer na época. Então o que que acontece, começa a pipocar de coletivos na universidade relacionados a área de saber. Aí vai ter o que, o coletivo, o Engenho Negro, né, vai ter o coletivo, o coletivo da Medicina, se não me engano, é, Ubuntu, vai ter o coletivo da Física que é o que é o Simone Maia, vai ter o coletivo é, de Limeira já existia junto com o núcleo a partir de 2019, mas vai ter o Conexão Preta. Cê entendeu? Que vão, que vão nesse momento, a partir desse momento, nos espaços das faculdades, construir um coletivo discutindo a questão do negro nesse espaço. Então há uma melhora, há uma melhora na discussão, no debate, na construção, é, do que tá acontecendo na universidade.

[Transição musical]

FECHAMENTO

Fred: Então a gente pode ver que nossa trajetória na universidade é marcada por lutas, desde o ingresso à permanência nessas instituições. Nós precisamos que outras epistemologias sejam trabalhadas nesse espaço, pois Universidade vem do latim "universitas" que significa universalidade, totalidade, comunidade. Devemos ter a pretensão de alcançar isso ao produzirmos conhecimentos que visem a multiplicidade de saberes e histórias.

Amanda: Então, a gente sabe que esse debate é bem importante e não se esgota por aqui. Quando falamos sobre cotas, precisamos pensar na permanência como o Erin e o Guilherme bem colocaram.

É necessário abordar autores negros nas aulas, pensar na assistência estudantil, na melhoria dos transportes até a universidade e também na saúde mental das e dos estudantes negros, mas esse é assunto para outros episódios. Bom, queria agradecer as contribuições do Erin e do Guilherme. As falas de vocês foram muito ricas e potentes. Gostaria de agradecer também à minha parceira desse episódio Cindy e ao meu parceiro Fred e a toda a equipe do Mundaréu, desde as nossas colegas, em especial a Irene Planalto que ajudou a coordenar essa temporada do MUNSA e a Raissa Almeida pela arte que ela fez pra divulgação e as coordenadoras do Mundaréu, Soraya Fleischer, professora da Universidade de Brasília, e Daniela Manica, professora da Unicamp.

Cindy: Obrigada pela parceria nesse episódio, Amanda! Bom, também quero agradecer ao Lucas Carrasco membro da equipe do Mundaréu da Unicamp que fez a trilha sonora desse episódio a partir da **música tema da temporada da banda paraibana Gatunas.**

Fred: **Você pode acompanhar essa e outras temporadas do MUNSA e do Mundaréu no nosso site www.mundareu.labor.unicamp.br na aba "Séries". O Mundaréu também tá disponível no seu tocador preferido. E nos sigam nas nossas redes sociais, no instagram e no twitter é [@mundareupodcast](https://www.instagram.com/mundareupodcast) e, no facebook, a página Mundaréu Podcast.**